



CULTURA DA ACELERAÇÃO DO TEMPO: COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO PARA UM USO SAUDÁVEL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Talita FIGUEIREDO²

¹ Trabalho apresentado ao GT7- Estudos Críticos em Ciência da Informação

² Programa de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ. talitaf@hotmail.com)

RESUMO

As ferramentas tecnológicas são tidas como instrumentos que nos ajudam a economizar tempo que poderia ser dispendido, por exemplo, no lazer, no ócio, na reflexão crítica. Mas, por meio de estratégias do chamado capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), observa-se parcela relevante da sociedade relatando dificuldade em não se deixar capturar pelas artimanhas algorítmicas criadas para manter-nos conectados, capturar nossos dados e enriquecer as *big techs*. Dessa forma, torna-se mais difícil estabelecer um uso saudável das tecnologias digitais.

Para Rosa (2019), fenômeno da aceleração do tempo na sociedade contemporânea é resultado, em alguma medida, do intenso avanço tecnológico em três dimensões: (1) a aceleração tecnológica (comunicação, transporte e produção); (2) aceleração das mudanças sociais e (3) aceleração do ritmo de vida. Para crescer mais, para inovar mais, é necessário acelerar. Como o avanço tecnológico não demora a surgir, exigimos, pouco depois, dispositivos ainda mais rápidos para levar a cabo nossas demandas reforçando essa perspectiva de forma cíclica.

A inserção que já era precoce de crianças nesse cenário foi ampliada em razão da pandemia do novo coronavírus. Atualmente, 93% das crianças e jovens entre 9 e 17 anos no Brasil são usuárias da internet (CETIC.br, 2022), tornando ainda mais relevante o debate em torno do uso saudável desse público. Observamos ser habitual caracterizar o uso das tecnologias digitais por crianças como algo inevitável e inerente a uma geração dita de “nativos digitais”. Pais e mães que se acostumaram a ver suas filhas e filhos conectados no período da crise sanitária (para o lazer, para a escola remota e para a socialização) reclamam do excesso de tempo que as crianças dedicam ao mundo digital, em detrimento ao mundo real. Para os responsáveis, suas crianças estão entregando às empresas de tecnologia a hora do brincar livre, do uso da criatividade, do ser criança e, em alguma medida, até mesmo parte da inocência da infância, já que as muitas acessam conteúdos e habitam redes sociais que não são necessariamente destinados a suas faixas etárias. (FIGUEIREDO, 2021).

Desacelerar não é o suficiente para estabelecer um uso crítico e saudável das redes. Questionar o processo informacional e entender o que há por trás dele, tomar consciência das práticas do capitalismo de vigilância e resistir à retórica da inevitabilidade são alguns exemplos que percebemos como necessários pontos de partida para forjar a competência crítica em informação (BEZERRA, SCHNEIDER, SALDANHA, 2019) nos indivíduos. Como benefício, pode-se pactuar pelo uso mais saudável das tecnologias digitais, de forma que a vida não gire, o tempo todo, ao redor delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação, **Informação e Sociedade: estudos**, 2019. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/47337>

CETIC.br. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2021. Disponível em <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/publicacoes/> Acesso em 16 de agosto de 2022.

FIGUEIREDO, Talita. Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças. Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

ROSA, Harmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.